

## APRESENTAR UMA CIDADE: REFLEXÕES SOBRE UMA ATIVIDADE DO CURSO DE FRANCÊS BÁSICO I

RAFAEL FELIPE DOS SANTOS<sup>1</sup>; ANA MARIA DA SILVA CAVALHEIRO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – rafaelhett@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – anamacav@yahoo.fr

### 1. INTRODUÇÃO

Quando participei pela primeira vez do Congresso de Extensão e Cultura, em 2016, estava no meu terceiro semestre da licenciatura em Letras – Português e Francês. Agora, no oitavo semestre e prestes a me formar, é significativo ter a oportunidade de refletir novamente sobre o processo de ensinar.

Escrevo este trabalho tomando a liberdade de dizer que o semestre de 2018/1 foi diferente por se tratar do período em que apliquei meu estágio de intervenção comunitária em língua francesa, requisito obrigatório para a obtenção do diploma. Estive à frente das turmas de Francês Básico I do projeto de extensão do Centro de Letras e Comunicação, intitulado “Curso de Línguas”. Mesmo que fosse minha terceira turma de nível I, a situação supracitada tornou tudo muito mais singular.

Assim, procurei desenvolver temáticas inseridas no eixo temático da interculturalidade, explorando semelhanças e diferenças entre culturas e povos, despertando nos estudantes o senso crítico e a capacidade de expressar suas visões e opiniões. Nos parâmetros do Quadro Comum Europeu de Referências para Línguas, meu projeto abrangeu todas as quatro competências, mas priorizou, em sala de aula, a compreensão e a produção oral. Parti do princípio de que, embora classificados como nível A1, era possível que avançassem na compreensão oral e escrita caso tivessem o *input* e que este fosse trabalhado de forma adequada e inteligível. Em diversas situações antes do início do estágio, notei que alguns alunos já se aventuravam na utilização de estruturas mais avançadas da língua francesa, aprendendo-as através de pesquisas em casa e com apoio de ferramentas digitais. Nesse momento, percebi, de fato, o papel do professor de *mediar* o aprendizado ao fornecer material, mas que a capacidade dos alunos de acessarem a língua vai muito além do universo ensinado em sala de aula, em especial na era digital.

Relato algumas informações do estágio para introduzir a temática principal deste trabalho, que focaliza uma atividade similar que meu colega, Vinícius, regente da outra turma de Francês Básico I, e eu desenvolvemos durante o semestre, cada um em sua turma, e, portanto, cada um com uma experiência *sui generis*.

### 2. METODOLOGIA

A atividade da minha turma consistiu na apresentação de uma cidade<sup>1</sup>, com uma parte escrita e outra oral. Para o desenvolvimento foram delimitadas algumas diretrizes: os alunos deveriam discutir, em no mínimo quatro parágrafos, sobre os dados gerais da cidade escolhida (como localização geográfica e fronteiriça, taxa populacional, principais atividades econômicas, questões da francofonia etc),

---

<sup>1</sup> Atividade baseada no projeto 2 do método *Tendances A1* (Clé International, 2016).

sobre os lugares turísticos relevantes, sobre informações referentes à população, circulação de pessoas, turistas (respondendo a perguntas do gênero: que tipo de gente há nesse lugar? É um espaço com mais nativos ou há grande circulação de pessoas de várias etnias?) e sobre as atividades de lazer que podem ser feitas na cidade, também justificando o porquê da escolha. A apresentação oral deveria ter duração de 3 a 5 minutos, com acréscimo de mais 5 minutos dedicados aos questionamentos meus e/ou dos colegas. O uso de recursos audiovisuais (independente da plataforma) foi repetidamente motivado. A atividade escrita deveria ser entregue em uma semana e a apresentação foi marcada para a semana seguinte.

Os alunos foram avaliados segundo seis critérios, dos quais: respeito à temática e à estrutura, coesão textual, coerência, respeito ao tempo de apresentação, desenvoltura (o que incluía o nível de fluência esperado para o nível I e adequação do registro de fala, por exemplo) e uso dos materiais/do espaço.

A seguir, discutir-se-á a respeito da produção dos alunos sob uma perspectiva geral, apontando os pontos positivos e negativos verificados tanto na concepção da atividade e do método avaliativo quanto em seu desenvolvimento no que tange a compreensão do objetivo e a *mise en scène* das competências de falantes aprendizes.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por já ter aplicado essa atividade em outros semestres, já era de meu conhecimento se tratar de uma abordagem eficaz, em maior ou em menor grau dependendo do perfil da turma. Evidentemente, certo nível de nervosismo é comum entre os alunos, uma vez que eles costumam questionar como serão capazes de falar por no mínimo 3 minutos com apenas um semestre, apenas aos sábados, de estudo na língua. Na posição de professor, aprendi a não subestimar as capacidades dos alunos em se superarem e acredito que um pouco de pressão é encorajador, trazendo novos desafios para a aprendizagem. Além disso, a atividade não cobrava nenhum conhecimento que não tenha sido trabalhado no decorrer das aulas, tendo sido projetada por especialistas em materiais didáticos para aprendizes iniciantes de francês.

Apesar de ter isso em mente, entendo também fazer parte de um processo extremamente heterogêneo a manifestação de alunos com mais dificuldades, outros com muita facilidade e outros regulares, mas todos longes de um suposto aprendiz ideal. Mesmo que notas não refletem em nada a qualidade do aprendizado, esse espectro de perfis se confirma na disparidade entre a maior e a menor nota obtida: 9,4 e 5,4 respectivamente. A média da turma foi 7.96, dado a partir do qual poderia se inferir que houve um bom aproveitamento da atividade.

Entre os trabalhos escritos, foi notável o uso de estruturas mais avançadas do francês, tal como o passado composto, o subjuntivo e pronomes que não têm correspondência com o português, pontos gramaticais ou ensinados mais adiante no curso básico ou que não são tratados por pertencerem a um nível mais avançado (A2), caso este do subjuntivo. Como mencionado acima, os cursos básicos da Câmara de Extensão se realizam unicamente aos sábados, das 8h ao meio-dia, totalizando carga horária de aproximadamente 60h entre atividades de classe e extraclasse. Por conseguinte, faz-se necessário que os alunos estudem mais em casa caso queiram avançar na aquisição do idioma, prática incentivada por todos nós ministrantes na rotina das aulas. Sendo assim, é pertinente remarcar que o uso de estruturas como essas já havia sido constatado nos temas

de casa, o que nos ajudou a formular algumas hipóteses concernindo à importância das ferramentas online e digitais, pois, tendo alunos majoritariamente entre 17 e 30 anos, é plausível imaginar que estão acostumados com o suporte oferecido pela Internet. Isso também é revelador de uma mudança no processo de aprendizado de línguas estrangeiras - senão de muitos outros domínios - por parte de uma nova juventude, já inserida no contexto da era cibernética.

Também é válido dizer que seria impossível restringir o acesso deles meramente aos conteúdos abordados no nível I. Logo, tanto em minha fala quanto nos materiais que trabalhamos era utilizada a língua francesa em sua totalidade, com elementos mais ou menos sofisticados de acordo com as necessidades enunciativas da ocasião. A isso se dá o nome de *input* e Krashen (1987, 1988 *apud* SCHÜTZ, 2012) ressalta a importância do *input* em língua estrangeira para que, mesmo ainda não as compreendendo completamente, o aluno tenha acesso às estruturas da língua-alvo:

O aprendiz progride na medida em que recebe input inteligível. Linguagem inteligível é aquela que se situa num nível ligeiramente acima do nível de proficiência do aprendiz. É a linguagem que ele não conseguiria produzir, mas que ainda consegue entender. Vai além da simples escolha de vocabulário. Pressupõe contextualização, explicação, uso de recursos visuais, linguagem corporal, negociação de significados e recolocação de pontos obscuros em outras palavras. As ideias efetivamente transmitidas constituem a experiência de aprendizado (grifo nosso).

A produção oral naturalmente avança de maneira mais lenta, pois enquanto na escrita é possível uma reflexão mais prolongada sobre o ato, na fala são exigidas outras habilidades do falante em um tempo reduzido, não excluindo o fato de se estar diante de uma turma, o que adiciona os fatores nervosismo, medo de público e timidez à equação. Apesar disso, muitos alunos apresentaram um excelente nível de interlíngua<sup>2</sup> considerando tudo o que já foi discutido, em especial o tempo de estudo. O mais fascinante para nós ministrantes é, no entanto, o processo e não o resultado. Ver a interferência de outros idiomas aprendidos anteriormente, a influência da língua materna e as particularidades de cada aluno é inestimável. Acredito ser nesse momento em que ocorre o sentimento de amor pela profissão, de análise sobre o trabalho e de autocrítica.

Tanto o Vinícius quanto eu precisamos lidar com o outro lado da moeda, que foram as falhas e as reclamações inerentes a quaisquer práticas. Sabemos ser impossível abranger todos os perfis de aprendizes em uma atividade, de modo que um ou outro sempre será beneficiado em detrimento do outro. Um modelo de apresentação como o que foi proposto certamente foi mais proveitoso para aqueles cuja desenvoltura em público é um ponto vantajoso, como foi o caso de alunos cursando licenciaturas e já acostumados com tamanha exposição. Um trabalho escrito, por mais óbvio que pareça ser, pode se tornar um desafio para aqueles que não possuem o hábito de escrever ou então que não estão acostumados com certos gêneros textuais. Detectou-se em algumas produções que, na realidade, os problemas de certas sentenças não eram por se tratar de uma língua estrangeira, mas mais profundamente por conta de uma lacuna no aprendizado do português.

Por fim, creio também ser fundamental comentar sobre os critérios avaliativos adotados por mim. Agora, julgo-os um pouco vagos, mesmo que

<sup>2</sup> Isto é, um estágio intermediário do *continuum* de aprendizado de uma língua segunda, ou estrangeira, em que o aprendiz não fala nem a L1 nem a L2, mas funde características de ambas.

considere que algum grau de subjetividade é necessário quando lidamos com pessoas em fase de aprendizagem. Entretanto, um critério tal como “desenvoltura” é demasiadamente obscuro e tornou a tarefa de atribuir uma nota precisa ainda mais complicada. Afinal, em termos objetivos, o que difere um 8,9 e um 9,0 se adotarmos coerência como medida, por exemplo? É possível ser “um décimo mais coerente”?

#### 4. CONCLUSÕES

Refletindo sobre todo o semestre, que se diferenciou dos demais durante os quais fui ministrante por conter a aplicação do meu estágio de intervenção em língua francesa, vejo que, ao invés de ter clarificado minhas noções sobre o ensino, o contrário aconteceu. Porém, isso não é necessariamente ruim. Como futuro professor, a experiência que acumulei em cinco semestres de atuação nos cursos básicos de línguas do CLC me mostrou a instabilidade do ato de ensinar, isto é, que não há um caminho ou respostas bem definidas. O que contenta é saber, a partir da aplicação de atividades como a que foi descrita no decorrer deste trabalho, que não se trata de uma via de mão única. Os alunos são seres ativos, ricos em capacidades e que de maneira alguma devem ser desprezados enquanto senhores de seu processo de aprendizagem. Muito pelo contrário, notavelmente a nova geração de alunos, alguns já nascidos no século XXI, é uma superpotência, apropriando-se de todas as ferramentas que possibilitem a superação de barreiras impostas pelo próprio processo. Dos Santos (2014, p. 8) já havia sinalizado que

para que a educação não se torne ultrapassada e ineficiente, deve-se levar em conta a constante evolução da maneira com que os nossos alunos aprendem e convivem no século XXI. É uma nova geração que demonstra abertamente que as metodologias tradicionais não têm lugar dentro do mundo deles: um mundo tecnológico e dinâmico. Eles não são mais guiados somente por livros e mestres para a obtenção de conhecimento, pois a tecnologia proporciona uma autonomia na resolução de questões, às quais antes o acesso era muito difícil.

Como se pode concluir, o campo da sala de aula sempre é surpreendente. Os novos educadores e as novas metodologias devem levar em conta os perfis emergentes, propondo aulas e atividades que motivem e ativem o lado mais dinâmico dos alunos, proporcionando o exercício de todas as suas capacidades.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZURLINGUA. **Cadre Européen Commun de Référence pour les langues.** Disponível em: <<https://www.azurlingua.com/adultes/niveau.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2018.
- DOS SANTOS, Yádini do Canto Winter. **O uso de tecnologias no ensino de língua estrangeira através da pedagogia de projetos:** uma reflexão. 2014. 47f. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- SCHÜTZ, Ricardo. **Stephen Krashen's Theory of Second Language Acquisition,** 2012. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-krash.html>>. Acesso em: 19 ago. 2018.
- CYR, Paul; GERMAIN, Claude. **Les stratégies d'apprentissage.** Paris: Clé International, 1998 (coleção Didactique des languages étrangères).